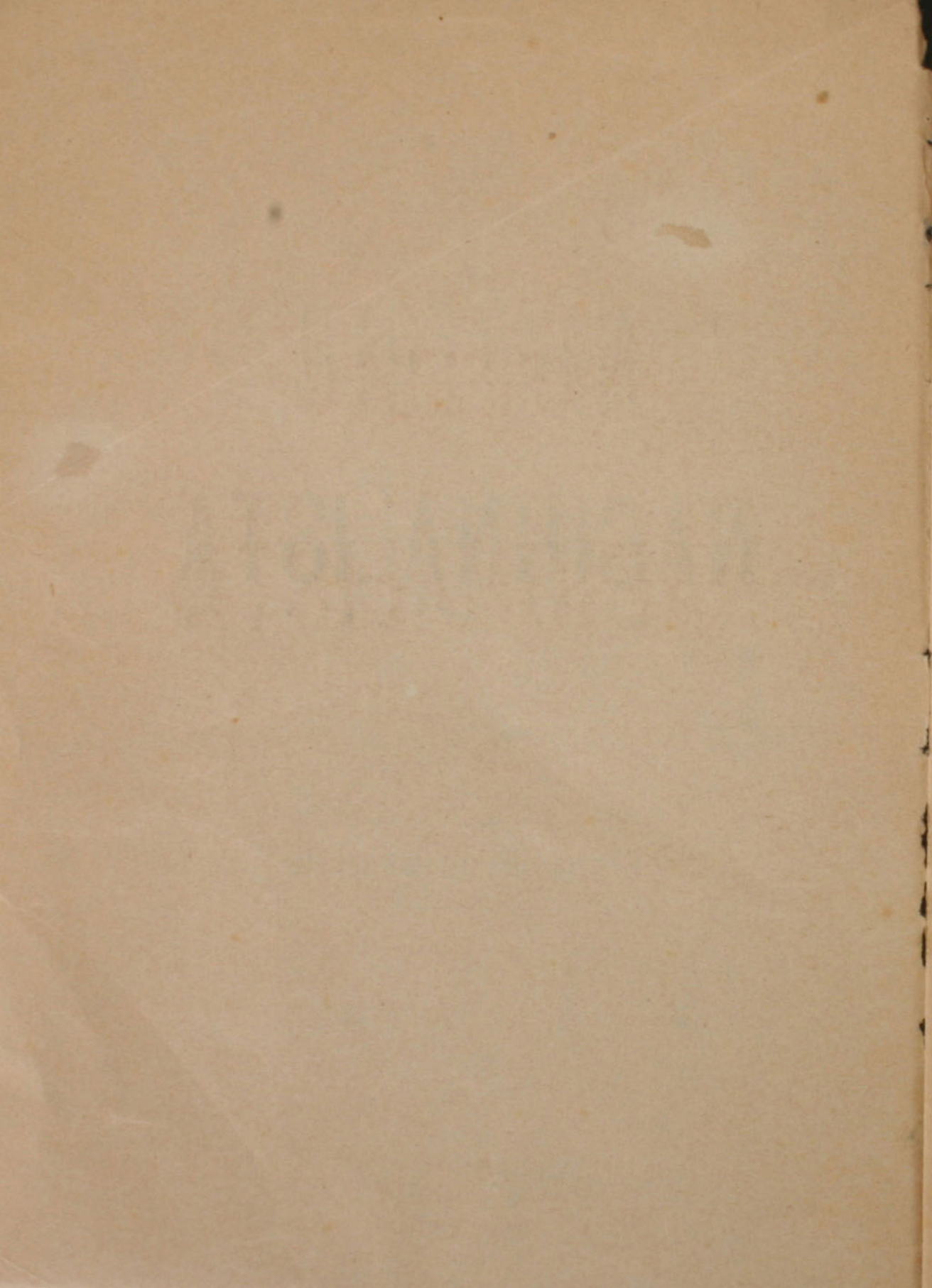


MANIFESTO NACIONALISTA

Distribuição Gratuita

EDIÇÕES «LUSITÂNIA»
LISBOA — MCMXIX



Para o Senhor

Fernando Pessoa

MANIFESTO NACIONALISTA

EDIÇÕES «LUSITÂNIA»

LISBÔA — MCMXIX

O COMITÉ NACIONALISTA, já organizado, aceita qualquer auxilio e recolhe todos os esforços particulares.

João de Castro
Carlos da Cunha e Vasconcellos
Manuel de Figueiredo

MANIFESTO NACIONALISTA

REPRESSÃO

Eis que o momento chegou das grandes acções. Deixaram criar-se lentamente as forças e o estado de espirito que em actos de violencia e em resistencias de inacção e entrave acaba de se opôr á sociedade. Não nos cabe explicar razões nem pedir responsabilidades, mas é preciso que se defina o valor dessas forças e a necessidade immediata, absoluta, de as reprimir. Necessidade que aparece em qualquer país mas ainda mais nítida para Portugal.

Tem-se explorado rélesmente com o movimento proletario moderno, tem-se escondido sob a violencia do numero a verdadeira consequencia da guerra, a incompreensão indo a ponto de falsear a crise social moderna. Este é o maior perigo porque atinge os dirigentes, impedindo-os de organizar e os pseudos-dirigentes, como no nosso caso tristissimo de ha pouco, fazendo-os elementos de desorganisação.

Nós não queremos, neste momento, analisar, queremos afirmar. E eis que afirmamos.

A guerra veio aumentar o movimento natural de nacionalismo em todas as nações que, passado o periodo inorganico, foram obrigadas á sua prova. Nós somos dessas nações.

As sociedades baseiam-se eternamente no governo das maiorias pelas minorias. Este principio esquece-se quando nos periodos revolucionarios a dissociação é necessaria para criar a maneira da nova fixação, mas reaparece nas nações que entram no periodo de criação. Nós somos dessas nações.

A crise social moderna é contraria aos principios que entregam á maioria, teoricamente a todos, o governo e a direcção; contraria, em tudo, ao regimen socialista. Isto não quer dizer, que a sua justiça seja menor para as maiorias: muito pelo contrario. Mas esta justiça reduz-se a um problema importante entre muitos outros problemas e tem de sugerir-se a um interesse superior ao seu. Em vez do problema fundamental temos um pro-

blema vulgar de politica, mas, fóra de idealismos inuteis, a sua realisação é peor.

A crise social moderna manifesta-se diferente nas diversas nações, mas naquelas que vão mais adiantadas no movimento moderno é antes de fixação aristocratica do que de dissolução democratica. E Portugal é dessas nações.

Eis o que urge afirmar á sociedade portugueza alar-mada pela violencia dos elementos dissolventes. Ela verá o perigo melhor, não só nestas consequencias, fataes na propaganda e no regimen comunista, barbaras e violentas e que devem vencer-se com a maxima violencia; mas principalmente na propaganda, e na convicção unanime das mentiras apregoadas. Esteja a sociedade portugueza serêna; a nossa tendencia é outra, o nosso progresso é outro. Não nos iludamos com os exemplos falsos dos estrangeiros.

A republica fez-se em Portugal, mais do que tudo, por nacionalismo e todos os seus movimentos politicos e todas as reacções teem tido como fim uma aspiração patriótica.

Errando ou não, essa tem sido a tendencia invencivel e essa é a sua justificação e a sua gloria.

Custa vêr afirmar a falencia da politica em Portugal e o triunfo das ideias socialistas, custa por que todos os raciocinios inferiores são dolorosos. Tódos teem cometido erros, melhor do que ninguem nós o sabemos, mas esses erros têm uma justificação egual para tódos, que é preciso se compreenda.

E verêmos como a consequencia desses erros entrecrocados, criará uma Patria energica e grande.

Mas os erros presentes nenhuma consequencia podem trazer senão dissolução e violencia.

Não tememos os dois perigos, porque ha força para reprimir a revolta directa e a resistencia patriótica é unanime contra a dissolvencia socialista, que ia perdendo a França. Mas, queremos desde já combater-los segundo as exigencias das nossas condições nacionaes. Portugal não é um país em fase de criação sociologica, nem no momento de revolta nem na exigencia de reforma completa. Portugal não póde, pois, para evitar a necessidade de uma violencia transitoria, entregar-se deliberadamente a principios contra os quaes, depois, teria de exercer reacção e, digamo-lo, reacção imensamente progressiva. Estamos na fase de fixação nacional e criação; e nossa resolução do problema presente tem de nortear-se por esta certe-

za. Em Portugal deve resolver-se esta crise, transformando-a num problema de politica interna sujeito ao nacionalismo e á autoridade da minoria.

E' necessario resolve-lo bem. Quanto á crise presente e á tendencia geral, que tenta impor-se, a attitude portugêsa deve ser — repressão.

A frase é violenta mas é a unica : repressão.

Não se julgue que ela represente um simples platonismo : ela deve manifestar-se em factos. O que todo o país unanimemente reclama, certo de que a civilisação, o progresso, a justiça e a liberdade só podem existir numa sociedade com as bases fundamentais que hoje apresenta, o que o país reclama convicto, desta sociedade, é que se reprima tudo o que contra a sua existencia atentar.

Faça-se immediatamente uma lei — e dêmos nós portugêses uma alta prova de competencia iniciando-a — regularizando a repressão dos atentados contra a sociedade. Saibamos vêr para além dos crimes recentes e do horror que representam. O maior crime não é sêr sanguinario, violento, criminoso, nem mesmo estúpido, o maior crime é atentar contra o principio das patrias, o maior crime é atentar contra a sociedade. Faze-lo renovar pela substituição do principio politico difere bastante de subvertê-la sôb os interesses da maioria dos estomagos. E são eles os idealistas !

A consciencia nacional exige para seu socego uma lei sobre os atentados contra a sociedade. Sem isso os governos ficarão sem autoridade para novas reformas; com ela será possível estudar os problemas com segurança e justiça. E, não o duvidêmos, ela não encontraria resistencia senão numa minoria dissolvente, tornada criminosa, e, mais do que tudo, infinitamente imbecil.

RESISTENCIA

O que se reclama como acção immediata, competindo aos dirigentes, tem um equivalente em todos os individuos—resistir.

Para que o agregado social, em que os direitos individuaes e colectivos se julgam ; para que o agregado nacional, em que se preparam as civilisações, não sofram profundamente; é preciso resistir sem transigencias. As verdadeiras classes da nação acabam de se manifestar e dizer a sua direcção nos protestos indignados de ha pouco, protestos altamente significativos em que se manifesta-

ram operários e intellectuaes. O espirito juridico e a compreensão social revelam-se nesse, mais de que todos significativo, da Faculdade de Direito de Lisboa. É um sintoma moral magnifico das gerações actuaes, que substituíram os humanitarismos sem intellectualidade, pela compreensão das sciencias sociaes. E não se dirá que não são idealistas, do grande idealismo, os que procuram impôr um ideal á sua Patria e fazê-la organisadamente caminhar.

Mas a resistencia tem que aumentar: aqui se apela para todas as classes da nação, para todas as teorias e todos os sentimentos. A luta está posta entre tudo o que luta para impôr um valor novo á nação, deseja o seu triumpho e a ele se submete no momento preciso, todo o que comprehende que dentro dela dirige a civilisação, e os elementos dissolventes.

Que todas as classes compreendam o valôr do novo nacionalismo, como principio geral oposto á dissolução.

Não é preciso dizê-lo aos imperialistas, que desejam organizar a nação e leva-la ás luctas de que resulta o progresso da civilisação.

Mas, compreendam-no todos os que entendem que o progresso é uma luta de ideias sociaes para um maior bem. Eles verão que só dentro das sociedades organisadas é possivel o equilibrio de forças e a equivalencia de direitos.

Compreendam-no todas as teorias politicas: os aristocraticos que representam o ideal de auctoridade da minoria consciente; os democraticos que requerem uma representação de todos os interesses na direcção comum; os monarchicos que esperam a fixação dos progressos adquiridos na autoridade estavel e no tradicionalismo. Todas as suas teorias representam uma verdade applicavel ao progresso da nação.

Compreendam-no todas as classes: Os capitalistas que são necessarios ao progresso material e moral e cujo esforço e trabalho na sociedade moderna não podem sêr acusados de privilegio, compreendam a sua utilidade e resistam, compreendam o nacionalismo e a ele se submetam.

A classe media feita de tantos pequenos esforços, essencial na economia da nação, compreenda-o e resista. Dela costumam sair os grandes movimentos.

E a classe operaria, cujo mesmo material depende do progresso das outras classes, a cuja função nunca foi opôsta, integre-se afinal no conjuncto de forças e resista

tambem. A classe operaria tem sido iludida: uma coisa é ter direitos e propô-los á justiça comum outra querêr sobrepôr-se ás outras classes, desorganizando e sacrificando-se afinal. A classe operaria é a que tem por função social exclusiva o emprego do trabalho: conquistar regalias dentro desta função é o unico movimento admissivel. Quem quizer mudar de função eleve-se pela competencia, a liberdade individual absoluta o permite. Mas tudo isto só é possivel dentro da nação.

Maiores responsabilidades tem a classe intelectual: a alguns dos seus representantes se deve, em parte, o mal moral de que soffremos, a propaganda deleteria de que resultam as incompreensões e as violencias. A classe intelectual portugueza tem uma função elevadissima a cumprir na direcção moral que lhe compete: ela compreendeu-o momento nacional, ela deve ensinar o pensamento nôvo e incutir o sentimento derivante.

As suas responsabilidades são as maiores, porque a direcção de todas as outras classes muito dela depende.

Apelemos para os escritores, para os sabios, para os professores e para os profissionaes. Que nenhum seja cúmplice da dissolução, que tôdos facilitem o progresso desta ideia nacionalista.

Em Portugal, hoje, só sêr socialista é já um crime.

Apelamos para tôdos os membros das gerações novas e têmos a certeza de sêr ouvidos, visto que alguns de um e outro modo já deram o exemplo. Deles depende a futura grandeza do país porque assumirão o poder na hora essencial, que perdida difficilmente se renovará, porque elas podem criar a hora triunfal. O seu espirito nacionalista, a sua compreensão da autoridade e da ordem deve resistir sem difficuldade; mas é preciso mais, é preciso que inicie a sua acção directa pela propaganda e pelos actos. Não será preciso dizer a dignidade intelectual e moral que exige a sua repulsa pelas ideias socialistas, violentas ou não.

E dentro da acção moral lembremos a todos os credos religiosos, que a liberdade de cultos e a livre competencia de propaganda moral só é possivel neste organismo superior ás ideias transitorias ou eternas, que delas faz o seu progresso e que não periga com a victoria de uma ou de outra, e que se chama nação. As suas responsabilidades tambem são grandes: pode facilmente a religião criar um elemento moral e uma consciencia colectiva. Se ela compreender a verdade absoluta daquêl principio será um elemento indispensavel de resistencia

Que ela pense como póde viver dentro de um regimen baseado sobre um dogma e um dogma tão banal como o de uma teoria social.

Que todos o compreendam e iniciem a resistencia pela renovação dos seus valores moraes, pela propaganda e pelos actos.

FIXAÇÃO

Um esforço mais e a sociedade portugêsa conseguirá a direcção que anda esperando. Estamos no momento preciso em que a mudança se deve realisar, ou o sabemos compreender ou liquidamos a nossa época na inutilidade do nosso esforço, no desprezo que as gerações futuras, reagindo, terão de mostrar-nos.

O movimento português tem sido, e com logica e verdadeira orientação, uma luta irredutivel de principios para o triunfo do mais proprio. Este periodo inorganico, e a direcção que imprime aos periodos futuros, deve fechar-se agora pela logica organização.

Chegou o momento da fixação nacional em que uma ideia geral se deve sobrepôr a todas as particularidades. Deve ser feito agora, por todos, o esforço necessario para demonstrar a vitalidade da nação portuguesa fazendo mudar, esgotado o valôr activo e a necessidade do momento anterior, a direcção das suas energias e dos seus sentimentos. O que é preciso, agora, não é o exclusivismo e a luta, mas fazer compreender a todos um principio superior e dirigente, fazer comprehender a cada um a sua ligação com esse principio. É emfim integrar todas as energias politicas com a mesma ordem e a mesma direcção geral, que necessitam todas as forças da nação. Que todos compreendam que o perigo da dissolução subsiste enquanto na sociedade portuguesa não se integrarem e não actuarem com forte cohesão todas as forças em luta e que, pelo seu equilibrio e correlação, podem dar-nos uma organização perfeita e invencivel.

É difficil mostrar ás certezas parciais e ás paixões de cada um a necessidade absoluta desta mudança, mas compreendam ao menos, todos, que os que ficarem de fóra serão um dia, com violencia, sacrificados, serão anulados pelas forças nacionalistas, venham elas de onde vierem.

Aponta-se o caminho; mas, para os que não souberem comprehende-lo, transformemos a luta de hoje, progressivamente tornada mais esteril e inutil, numa luta

necessaria entre a corrente nacionalista e todos aqueles elementos que, por idealismo proprio ou incompreensão e falta de adaptação ao momento, a ela se opposeram.

Esta luta será fatal, se não soubermos conscientemente colaborar, desde já, na organização necessaria, mas as energias que nela se gastariam são demasiado uteis para que se não tente convencer da força geral que as une e explicar a cada uma dentro dela a sua função e o seu sacrificio.

A fixação nacional, que deve ser a obra imediata do nosso momento e que deve realizar-se no sentido moral e politico, carece apenas da submissão de todos a uma ideia geral, que dê a cohesão e aproveite a parte util de cada uma das actividades. Essa ideia geral está fóra da politica e da propria moral particular e pela sua falta, comprehensivel num periodo de baralhamento e criação, mas que se vai tornando perigosa, pela sua falta derivada da inconsciencia e incompreensão de todos, se chegou ao momento de hoje. Esse principio que aparece dirigente e claro em todos os periodos de fixação, de expansão e tradicionalismo, e que as ideias politicas têm desconhecido, é o unico capaz de representar o subconsciente elemento que dá uma unidade real a tudo quanto dentro da nação cria e trabalha. Não criemos autoridades artificiaes mas a integração natural de valores, que ao alto da sua hierarquia colocará o principio nacionalista.

Não nos iludamos com teorisações de auctoridade, afirmando a confusão do nacionalismo com a auctoridade soberana de um individuo, de uma classe ou da maioria. É preciso sentir que as aristocracias, o rei ou as maiorias, apenas são funções transitorias de um principio, que dirigem passageiramente, mas de que podem, em dado momento, deixar a direcção. Que nos momentos de luta pelo predomínio de uma outra forma, na iniciação da fixação, se perca a consciencia do supremo principio é natural e é util, mas que no momento dado as nações com capacidade vital, como a nossa, mudem rapidamente.

Não é preciso que a suprema auctoridade esteja encarnada em organismos directos, que estes se lhe submetam. Assim nos guiou o principio divino mandando reis, aristocracias e plebes; assim nos deve mandar hoje o principio nacionalista, que na politica encarna o esforço humano e o seu sonho igual dentro de tôdas as certezas e paixões.

O que é preciso é corporisar o principio nacionalista, defini-lo e explica-lo para a perfeita organização contemporanea, como sob outros principios geraes de politica reorganisaram as civilisações passadas. Sem ele, certamente, a época contemporanea continuará inorganicamente o seu esforço no isolamento dos superiores e na violencia das massas.

Mesmo que se estabeleça uma auctoridade perfeita, ella será transitória, criando pelas lutas das varias auctoridades possiveis, uma instabilidade de progresso. Não será assim que um povo mostre a sua especial capacidade, a sua maior energia organica no periodo contemporaneo.

As nossas tradições de portuguezes, que representam já uma força imperativa, a nossa criação da hora presente, preparam-nos com especiaes capacidades para comprehender o principio nacionalista. Criêmos, pelo nosso esforço, a organização perfeita que em tórno deste principio pode, com originalidade, tomar a direcção do movimento das civilisações. Tôdas as nossas tendencias, de exagero patriótico, de comprehensão nacionalista e de audacia sentimental, nos indicam o caminho a seguir, desprezando exemplos de países em dissolução mais ou menos escondida ainda, de países fortes já tradicionalistas, de países em revolta. O nosso país deixa o momento da dissolução de valores, para fixar-se numa organização perfeita e sob uma direcção suprema. O principio em que ella se deve realisar ou é o principio nacionalista ou nenhum.

Ele é o principio que cria uma entidade abstracta superior a todos os interesses e vê essa entidade na Pátria.

Evidentemente elle só apparecerá inteiramente definido, com a absoluta cohesão das suas partes, quando o trabalho do momento que passa inteiramente se tiver realiado. Porque é preciso que a este principio se vão defenindo as consequencias, as ordens que o seu tradicionalismo determina, as exigencias da sua criação de hoje.

Não vejamos nisso um trabalho mais difficil do que o realiado em volta do principio divino, que organisou as civilisações passadas e de que ainda hoje vivem algumas das civilisações mais organisadas.

O principio nacionalista é facil de organizar e facilmente organizará a sociedade. Elle estabelecerá o governo e a successão dos elementos dirigentes que o tomem; elle estabelecerá os deveres e os direitos de cada um dos individuos. E porque o principal elemento de uma orga-

nisação é a submissão a um principio superior e a perfeita definição deste, e porque só conseguirá vingar na crise moderna a organização que na sua originalidade satisfaça as condições novas dos idealismos e das realizações, só o principio nacionalista, original e supremo, pode organizar as novas sociedades. Atravez das dificuldades imensas que se oferecem ao nosso país, atravez das más vontades. nós vemos nas nossas condições uma marcha segura para esse fim. Eis o que urge dizer aos homens de boa vontade.

INTEGRAÇÃO

A Ideia geral não representa mais do que o principio dirigente de tôdas as ideias particulares, que possam manifestar-se dentro da nação. Ela determina a parte util, a parte valiosa de cada uma destas. Ela é por seu turno condicionada pelo valôr e equivalencia de participação destas correntes. Mas, como fazê-lo com segurança se as energias não se canalisarem finalmente nas bases reaes, que podem representar e devem compreender, defendendo-se com precisão, para a melhor organização do conjunto?

Isto implica uma radical transformação das correntes moraes e activas da politica portugueza em que cada agrupamento pense no logar que lhe compete, na integração e no conjunto e não sómente no triunfo das suas ideias.

Esta integração não exige abdicação, nem quebra de força da parte de cada uma delas, mas concorrência de valôres para um resultado final e submissão a um principio que deixe de sêr um sentimento apenas, para sêr uma certeza e uma direcção. Sem integração nada resultará de util nesta nova fase da sociedade portuguesa para as proprias ideias em lucta, mas tambem inutil ela será se as correntes não apparecem a relacionar-se, já defendidas e libertadas de más direcções.

Todos devem, segundo as suas tendencias, estudar as relações delas com a nação. Deve depois a propaganda particularista incidir unanimemente e essencialmente sobre este ponto. Renovem-se, sob as novas tendencias, os agrupamentos de forças portuguesas acabando com a lucta em que um dos têrmos é sempre a nação, para estabelecer a lucta de que resulta o seu progresso permanente e estavel.

Estabeleça-se uma forte corrente nacionalista, que particularmente represente a vontade de organizar para um fim de expansão e de imperialismo nacional. Estabeleça-se uma corrente tradicionalista, que aproveite a parte grande do nosso esforço anterior. Uma corrente democratica que compreenda tôdos os interesses hoje dispersos, alguns perdidos em tendencias perigosas inferiores e inúteis. Estabeleçam-se as varias modalidades e téses politicas dentro destas tendencias geraes. Que todos compreendam a renovação a fazer, para estabelecer as bases de hoje dentro das quaes se pôde evoluir normalmente transformando os criadores de hoje em tradicionalistas de amanhã.

Que todos compreendam que, se não se renovarem, são cúmplices da dissolução, que não parte de um unico lado, e, só não actuando, já facilitam e ajudam. Lembrem-se os monarquicos que o principio que podem com dignidade e superioridade representar, é o de um tradicionalismo sobreposto ás outras considerações e que tem o dever de defenir e integrar no conjunto do nacionalismo portuguez. Lembrem-se disto todos os tradicionalistas e conservadores, acabando com a lucta para sobreposição de uma autoridade iniciando a lucta pelo equilibrio de valores dentro da ideia geral.

Definam-se os nacionalistas sob um vasto programa de acção nacional, que a ele submeta a politica. Eles devem representar a parte activa no movimento organico da sociedade portuguesa, escolhendo os successivos valores politicos que melhor realizem as condições do momento. Dentro dos republicanos é preciso que apareçam, afinal, as diferenciações politicas que são essenciaes, prendendo-se alguns aos tradicionalistas ou aos nacionalistas, marcando outros as diferenciações politicas que melhor esperem reformar dentro do interesse supremo da nacionalidade. Que as correntes democraticas se compreendam e definam, afinal, e se juntem como elemento organisador, determinando a corrente em que em face do principio nacionalista sempre se estabeleçam os interesses da maioria.

Acabemos todos, de vez, com as mesquinhas lutas para o triumpho de aspirações banaes. Que os tradicionalistas deixem de ser um elemento inorganico; que os outros elementos se definam; que desapareça, de vez, isso que se chama socialismo e que não tem razão de existir senão como elemento de revolta. E os elementos de revolta devem desaparecer. Sacrifiquêmos tôdas as nossas

ridículas questões partidarias e as nossa banaes convicções momentaneas. Se elas não representam um elemento a integrar na organização nacionalista são, alem de tudo, criminosas.

E por esta compreensão intima de todos os elementos, realisada a integração e nitidamente entendida a evolução da sociedade portugüesa, teremos conseguido uma organização perfeita da sociedade indispensavel para o progresso.

A evolução da sociedade portugüesa, compreendida como tendência, imediatamente tomará um aspecto normal com sucessivos acrescentamentos de valores e aniquilação de outros, mas de tal modo embrechados, que, as revoluções serão inuteis e não se realizarão.

Nós não queremos, desde já, uma ordem estabelecida que a si sacrifique tôdos os elementos. O fim a conseguir é hoje a substituição de direcção nas fôrças existentes de modo a realisar uma integração perfeita dentro do principio nacionalista. O fim a conseguir é estabelecer uma marcha normal das fôrças naturaes da nação sob uma organização estavel e dinâmica.

E' preciso normalisar a marcha nacional e por uma organização perfeita de valores criar-lhe, em todos os momentos e em perfeita correspondencia, uma sucessiva direcção polititica, que melhor vá correspondendo ás suas necessidades.

Não ha razão aceitavel para que a época comtemporanea falhe na organização da sociedade, desde que se encontre o principio superior que a deve exigir.

Mas, o que lá fóra é uma incapacidade, em Portugal torna-se uma traição á patria e um crime.

Portugal acha-se num momento excepcional da sua historia, não porque seja mais ou menos tradicionalista, tenha mais ou menos liberdade. Não porque entrou na guerra, a guerra é um caso banal ao lado do nosso ponto de vista.

Portugal está no momento unico e fundamental em que espera criar uma civilisação, propria superior a todas as outras civilisações.

Sonho ou realidade, atraiçoa-lo é o maior dos crimes. Confiemos na força organica que representa esta energia e que ela saberá, quando outros países o não sabem, transformar as condições das sociedades estabelecendo com a possivel novidade um novo principio. Em Portugal é necessario organizar a sociedade e é necessario que disto se compenetre em todas as facções e ideias

mesquinhas. É preciso que todos se integrem no grande conjunto, é preciso organizar insofismavelmente a nação.

Organizar é a ordem imperativa de hoje: submetam-se a ela todos e caminharêmos seguros.

Conclusões presentes

Estas certezas e estas tendências infalíveis requerem, desde já, um início de acção que não se fragmente ou limite em protestos momentâneos mas que sucessivamente vá criando uma direcção e um estado de espirito colectivo.

Aquilo, não completo, de que já hoje toda a sociedade portuguesa se compenetrou, aplicado com firmeza e sob esta directriz, muito pode fazer. Os factos violentos que acabam de dar-se tem uma causa recente e uma causa mais geral e aparentemente livre de responsabilidades. Procurem-se, desde já, todos os elementos de dissolução, venham donde vierem, que possam nêles ter colaborado, e iliminem-se. Se a manobra de desorganização é incitada e convem a elementos estrangeiros mais claramente aparece o seu caracter e a necessidade de eliminação.

Acentuamos a definição da necessidade: não é um castigo que nós reclamamos para criminosos abaixo de toda a dignidade humana e para energúmenos e inconscientes maus.

O que reclamamos é a eliminação, como elementos prejudiciaes á sociedade e á pátria. E' uma medida de defesa urgente, que se reclama. E para que ela tenha as consequencias exigiveis e a sanção moral de que carece, transforme-se essa necessidade permanente numa lei geral e respondamos á *revolução social* com uma lei que garanta a ordem, que ela quer subverter. Que toda a sociedade portuguesa, em todas as suas classes se manifeste reclamando do governo esta prova de dignidade moral, de coragem cívica e de compreensão das necessidades nacionaes. E' imprescindível esta lei-garantia.

Mas as responsabilidades vão mais longe do que a pratica dos actos. Responsaveis dos crimes de agora são todos os que incitaram á revolução social, todos os que enganaram os operarios e exploram a sua boa fé. Deve immediatamente proibir-se a propaganda anti-nacionalista, violenta ou não, por dissolvente e criminosa. Passou já

a crise colectiva de incompreensão em que se louvava uma liberdade que permite dentro de si, todas as luctas, liberdade que tem as mais desastrosas consequencias e de que resultam as reacções perigosas e mais completas.

A liberdade tem um limite para além do qual se chama decadencia por falta de coesão dos elementos orgânicos da sociedade. A anarquia é por suas consequências contraria á liberdade, não se irá por isso, contra esta impedindo aquella de a espalhar nos espiritos, nos sentimentos e nas directas relações sociais. A primeira medida é a supressão da propaganda mais subversiva e violenta. Que todo o país o reclama, desde já, porque todo o país está sendo prejudicado na sua vida normal pela incompreensão e a vacuidade turbulenta de meia duzia de exploradores. A liberdade não pôde chegar a ponto de deixar perturbar a liberdade de todos por pseudo-direitos de agitação intelectual, que se reduz a isto, realmente enorme e novo, o perigo da incompreensão palavrosa perturbar a serena marcha do país.

A outra propaganda mais difficilmente proibivel no momento presente, em que começam a definir-se as novas tendencias, oponhamos nós todos uma propaganda activa, completa, que se estenda a todos os meios, a todas as opiniões.

Mas, convençamo-nos, que o mais essencial é em nós proprios a remodelação dos nossos valores moraes, a criação duma disciplina bem compreendida em volta dum principio bem definido.

Convençamo-nos que desde que a sociedade portugêsa crie habitos de trabalho, de intelligencia e disciplina o perigo anti-nacionalista está afastado. Ele estará afastado de todas as consciências que substituirem idealismos falsos e incompreensões mal fundamentadas, anarquia mental e moral, pela ordem, pela serena consideração das realidades, pelo unico idealismo que pode entusiasmar um espirito culto. Ele entenderá que a cultura estendendo a actividade humana, e não limitando-a á simples função social, atinge a compreensão da sua base na nacionalidade e por ela se entusiasma e nas suas luctas vê o unico meio de progredir e criar. E assim como é o unico idealismo digno duma pessoa intelligente, é tambem o unico que sentimentalmente atinge as grandes massas porque se vive das ideias mais complexas, existe desde as ideias mais simples no amor expontaneo pela terra e no tradicionalismo involuntario. Não deixemos tambem perverter os sentimentos de

tanta grandeza do povo sob uma propaganda de primários ou sob uma direcção de incompreensivos.

E' natural que esses primários a nada se movam,

E' mesmo o indicio mais expontaneo da sua incompreensão e nulidade. Mas esses reprimam-se ou eliminem-se.

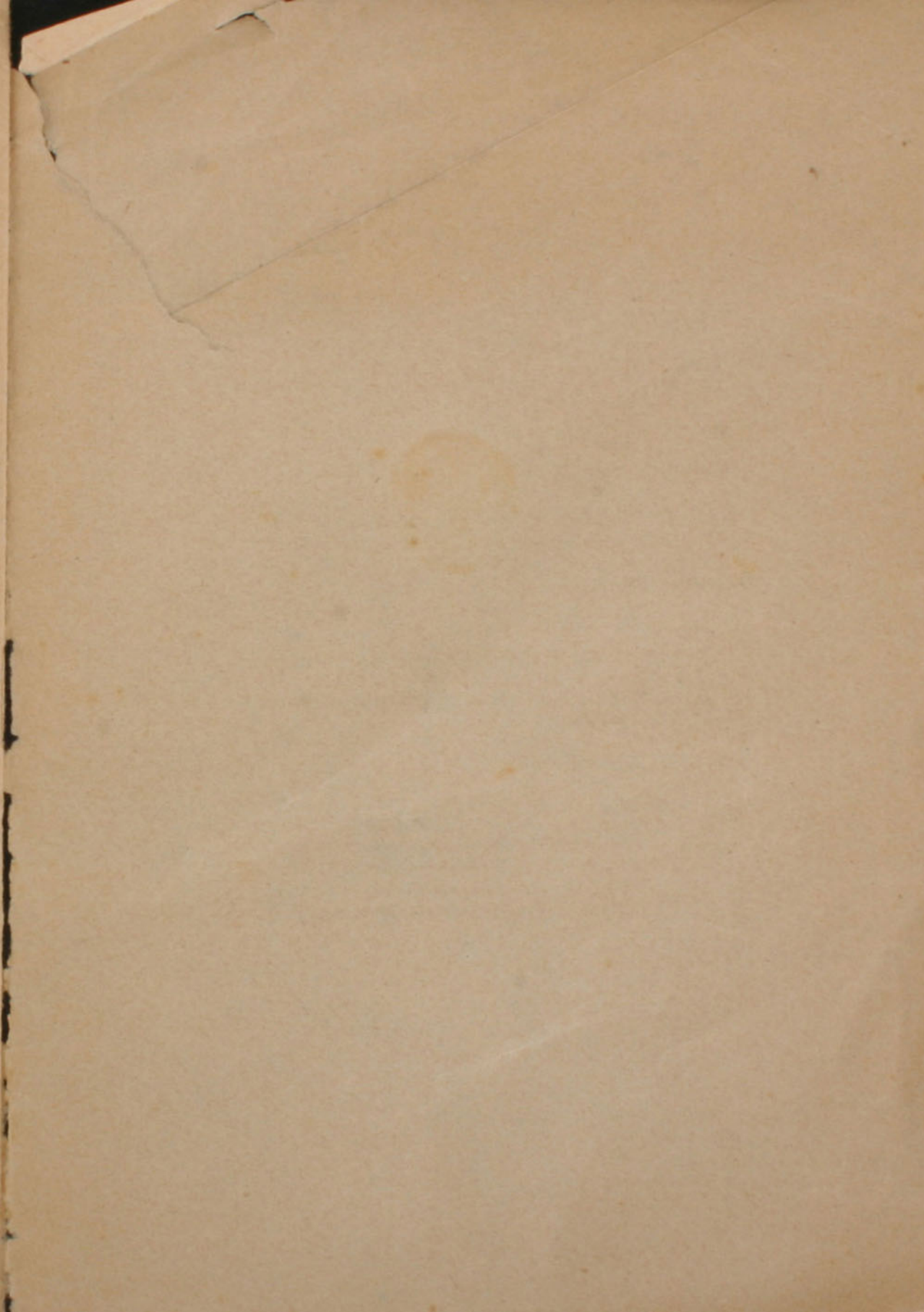
Criemos, antes da lucta, esta certeza perante as novas forças que surgem unânimes, todos os que não se adaptarem, todos os que resistirem serão anulados. E não será isto um bem?

Uma civilisação para exprimir-se inteiramente precisa duma organização perfeita da sociedade e não ha organização perfeita sem a submissão unanime a um principio geral. Hoje o maior dever e a maior liberdade do português é a submissão ao principio nacionalista: esta submissão deve ir até ao maximo porque quanto mais i tima ela for maior será a liberdade de acção do individuo e mais ele se alargará na grandeza comum.

Criemos com o principio nacionalista a mesma elevação colectiva que levou ás grandes acções no passado. E' esse o nosso dever como portugueses e como homens.

Desistir é um crime, contrariar é um crime, e, seja a estupidez ou a infamia o seu movel, os criminosos perante a justiça punem-se e para maior gloria da Patria devem ser eliminados.

João de Castro
Carlos da Cunha e Vasconcellos
Manuel de Figueiredo
José Osorio de Oliveira
Antonio Alves
Joaquim Corrêa da Costa



Publicado :

Oração da Raça — Manuel de Figueiredo.

A publicar :

Idealismo Social — João de Castro.

Revolta (Romance) — Carlos da Cunha e Vasconcellos.

Infanta (Tragedia) — Manuel de Figueiredo.

Em preparação :

Obras de Joaquim Corrêa da Costa, Antonio Alves e
José Osorio de Oliveira.